

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
director e editor António Cândido Franco
editor gráfico Luiz Pires dos Reis
redactor-adjunto João Mendes de Sousa

imagens (para este número): Aldina, Almerinda Pereira, Ana Rita, Antonio Sáez Delgado, António Salvado, Aube Breton-Elléouët (contracapa), Bruno Béu, Dominique Labaume, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), Lagoa Henriques (herdeiros), Laurens Vancrevel (Brumes Blondes), Manuel Silva-Terra, Mário Cruz, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião, Raquel Nobre Guerra e Rui Martinho (espólio de Virgílio Martinho).
capa Mário Botas, Retrato de Cruzeiro Seixas (montagem fotográfica, tinta da china e guache s/ papel, 1973, col. Cruzeiro Seixas – Fundação Cupertino de Miranda)
periodicidade anual (número duplo)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal.

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogs <http://aideialivre.blogspot.com>; editorallicorne.blogspot.com

depositários Livraria Ler Devagar: rua Rodrigues Faria (Lisboa Factory), 103, Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, Setúbal; Editora Licorne: rua Conde de Monsaraz, 2, 7005 Évora.

impressão Guide, artes gráficas, lda.

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos.

Tirando este princípio geral, suficiente porém para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática – ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Não se segue uma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA.

PIDESE CANJE.

ON DEMANDE L'ÉCHANGE.

CHIEDESI SCAMBIO.

WE ASK FOR EXCHANGE.

MAN BITTER UM AUSTAUSCH.

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 16 – n.º 71-72 – Outono de 2013

ÍNDICE	1	Júlio Conrado	
		Mário Henrique Leiria – o Vizinho surreal	89
DECLARAÇÃO	3	Gabriel Rui Silva	
A revista <i>A Ideia</i> em perspectiva	4	Casos de Direito Galático – Mário Henrique Leiria	95
I SURREALISMO EM PORTUGUÊS	13	João Freire	
Mário Cesariny		Mário Botas e Pedro de Sousa	99
Carta a Afonso Cautela	15	José Manuel de Vasconcelos	
Cruzeiro Seixas		Mário Botas e o Surrealismo	101
Carta Inútil e Comunicação quase Automática sobre D. Sebastião.	17	José Maria Carvalho Ferreira	
Alfredo Margarido		Em Memória de Mário Botas	108
Os últimos inéditos	21	Sofia A. Carvalho	
João Rui de Sousa		Leituras do Inferno em Ernesto Sampaio	110
Parafraseando Cesariny	26	Almerinda Pereira	
Albano Martins		Luiz Pacheco – a Vida num Biscate	118
Dívida a Cruzeiro Seixas	28	Claudio Willer	
António Salvado		O Surrealismo no Brasil	126
O Café Gelo e as <i>Folhas de Poesia</i>	31	Paulo Jorge Brito e Abreu	
António de Macedo		Poesia de António Maria Lisboa	135
Lima de Freitas: a surrealidade do Graal	34	Carlos Mota de Oliveira	
Pinharanda Gomes		Carta a Cruzeiro Seixas	138
António Maria Lisboa: uma gnoseologia lógico-poética	49	Pela mão da noite – a Artur Cruzeiro Seixas	140
Afonso Cautela		Pessoa escutou atentamente Cesariny	140
Surrealismo & Surrealistas	57	Manuel Silva-Terra	
Fernando Grade		Poema visual	141
Ao Surrealismo disse tudo	67	Isabel Guimarães	
Nicolau Saião		MA-NIF-EST-SUR-REAL-IN-i !	142
Mário, Ele Próprio e Nós Outros	71	Luiz Pires dos Reis	
Maria Estela Guedes		Da óptica guilhotina-err: o próprio dos novos amorosos	143
I. Carlos Eurico da Costa	76	Jorge Telles de Menezes	
II. Herberto Helder – é e não é um poeta surrealista	77	Extensão do Rossio – a António Maria Lisboa	145
Pedro Martins		Amadeu Baptista	
De Telmo a Herberto, os Passos em Volta	80	Cinco Saltos com os Surrealistas	146

DECLARAÇÃO

Alexandre Vargas		Ruy Ventura	
Alexandre O'Neill e Mário Cesariny	148	O surrealismo e as suas consequências absolutas	206
João Carlos Raposo Nunes		João Mendes de Sousa	
Para Ant ^o . Barahona da Fonseca	149	À Procura de Al Berto	211
Nunes da Rocha		Rui Sousa	
Petição (segundo Ângelo de Lima)	150	Dois Textos	214
Carta (entreaberta) ao Galimar da rua da Emenda	151	Nádia Silvestre	
Abel Neves		"Não vos inquieteis, é a realidade que se engana"	220
[fragmento]	153	António Gonçalves	
Délio Vargas		O Centro de Estudos do Surrealismo	223
Torres	154	Miguel de Carvalho	
Manuel Silva Ramos		O Surrealismo Hoje	225
A poesia é quem mais ordena o fogo cruzado	156	Sumário Cronológico do Surrealismo Português	228
Sobre Ernesto Sampaio	161	Documento	
Fernando Cabral Martins		(Her de Vries e Laurens Vancrevel)	233
Mário Cesariny: uma arte de cordel	164		
António Cabrira		II ENTREVISTA	
Capelas Imperfeitas: a Festa da Inteligência	168	Maria Teresa Horta	
Maria de Fátima Marinho		entrevistada por Fabio Mario Silva	234
O Surrealismo e o Real Quotidiano	171		
Fernando B. Martinho		III NOTAS & COMENTÁRIOS	237
Lembrança de António José Forte	177	Jorge M. Colaço	
Carlos J. Figueiredo Jorge		Louis Lecoïn	240
À Memória de António José Forte	180	João Freire e Paulo Guimarães	
António José Forte		O projecto MOSCA	243
Cem Anos de Anarquismo	184	António Cândido Franco	
Virgílio Martinho		Biblioteca "Textos Livres"	246
Café Gelo – Retratos	185	Joaquim Palminha Silva	
Manuel G. Simões		Manifesto Anti-Turístico	248
Carlos Loures, a Pirâmide e o Café Gelo	187		
António Cândido Franco		IV Arquivo & Registo	251
André Breton, Libertário e Automatista	191		
Pirâmide – uma revista do surrealismo português	201	Colaboradores	281

A revista *A Ideia* entra com este número em nova fase de existência, que em nada significa uma ruptura com o seu percurso anterior. Mantém-se a série de publicação e o contínuo numérico; por sua vez a alteração no subtítulo nada mais faz do que manifestar aquilo que já era claro para o leitor atento dos últimos tempos. *A Ideia* é hoje sobretudo uma publicação vocacionada para ser uma revista de cultura, sem com isso querer deixar de ser uma revista libertária.

Mais do que valorizar à partida qualquer manifestação cultural, num espírito aberto, mas amorfo, prezamos as expressões culturais singulares que se mostrem avanços de liberdade, de humor, de criação. A cultura dos mandarins, a cultura mediática, a cultura repetida, a cultura ridícula das academias, a cultura vedeta, a cultura da concorrência, a cultura dos sabichões, a cultura do grande comércio não nos interessa; acarinhámos a cultura irreverente e libertadora, a cultura activa dos singulares, a cultura invisível. É com ela que se constrói o desejo, não com a outra.

Dedicamos este número d' *A Ideia* ao surrealismo, paradigma modelar de cultura libertária. Homenageamos alguns dos criadores que entre nós melhor assumiram o espírito pós-civilizacional do movimento, alguns deles colaboradores desta revista de longa data, e damos um contributo ao conhecimento do espírito da corrente e do que nele houve e há de libertário. André Breton, o espírito aquilino e altivo que catalisou a escola, também aqui comparece com informação inédita em português, alguma sobre Louis Lecoïn. Ao surrealismo dedicou *A Ideia* o seu primeiro texto em 1981 (pela mão de Nicolau Saião), ao surrealismo voltou logo depois (com Cesariny, Lisboa, Alves dos Santos e outros), ao surrealismo regressa agora e no próximo número (Primavera – 2014), desdobrando e alargando este. Ao surrealismo regressará sempre e sem fim.

Uma última palavra para a entrevista inédita com Maria Teresa Horta, uma das mulheres portuguesas que mais fez entre nós pelo feminismo e a quem desde este pórtico agradecemos a deferência. *A Ideia* tem em Emma Goldman uma referência tutelar e no feminismo uma das suas bandeiras culturais mais antigas e mais firmes.

BIBLIOTECA TEXTOS LIVRES

A. CÂNDIDO FRANCO

O projecto “Movimento social crítico e alternativo: memória e referências” (abreviadamente MOSCA), que teve financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia e decorreu entre 2010 e 2013, propôs-se digitalizar uma parte substantiva do Arquivo Histórico-Social, fundo pensado e constituído entre o final da década de 70 do século XX e o início da década seguinte, destinado a preservar o espólio do anarquismo português, e que se encontra hoje depositado na Biblioteca Nacional.

No âmbito deste projecto, visando a criação dum portal informático, logo se ideou a criação duma secção digital que desse expressão escrita, em forma de biblioteca, ao imaginário libertário português. Nasceu assim a biblioteca “Textos Livres” enquanto conjunto de textos e de autores seleccionados a partir dum crivo *libertário*, que se quis aberto e não alinhado. Em termos ideais este arquivo seria a reunião, sob o mesmo tecto, sem preocupações de limites temporais, de todo um conjunto de produções, que iria das primeiras manifestações escritas da língua portuguesa – na satírica dos cancioneiros medievais encontra-se por exemplo uma língua social libertária – até à actualidade. A única condição de base para reagrupar matéria tão variada seria assim que em cada um dos elementos, em isolado, se reconhecesse esse impulso que serve de critério geral. A noção que se trabalha como crivo de selecção – *libertário* – é rica e plástica o bastante para permitir uma perspectiva diacrónica, sem colagem a qualquer movimento político-social, particular e datado – neste caso as marcas temporais que balizam a fase mais activa da intervenção libertária organizada, isto é, a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX.

O modelo ideal desta biblioteca é deste modo um molde universal e intemporal, sem balizas cronológicas, e que remontando às origens das primeiras manifestações escritas da língua portuguesa, porque é de textos portugueses que se trata, venha depois até ao presente, peneirando uma a uma, à luz da noção que aqui se toma por critério, as produções escritas na língua. O resultado final não deixará de ser surpreendente. Ai se confirmará que em todas as épocas, em todas as correntes, debaixo dos mais variados regimes de governo e submetidos às mais diversas crenças, se encontram sempre espíritos capazes de darem um decidido passo em frente na acção de libertar o espírito humano das peias que o limitam e prendem.

De qualquer modo, a nossa selecção afastou-se, por razões práticas, antes de mais o prazo apertado com que trabalhámos, desse modelo ideal intemporal, pois, salvando um texto de Bocage, e mesmo esse marcado já por um anseio de liberdade onde se vislumbra a aurora das ideias políticas modernas, todas as produções por nós escolhidas, todas as criações agrupadas debaixo do mesmo tecto, se situam entre a segunda metade do século XIX e a segunda do século seguinte, num arco temporal que dalgum modo corresponde à vitalidade cultural daquilo que é a noção do libertário concretizada em movimento organizado de intervenção social.

Mesmo assim pode o leitor desta biblioteca encontrar textos que vão do simples poema aparentemente inofensivo, que passa por pertencer em exclusivo à História da Literatura, até



ao manifesto social ou sindical, de clara e marcada intenção política, esta em geral identificada àquilo que se assume como movimento libertário ou anarquista.

Desenham-se assim duas partes distintas nesta selecção de textos. Em primeiro, aquela parcela que, mesmo em período de intervenção específica, recolhemos à margem de qualquer movimento organizado. É o caso do texto de Guerra Junqueiro, exemplo do critério amplo e aberto, não faccioso, que aqui seguimos. E o mesmo se poderá dizer, porventura com mais razão ainda, para textos de Ângelo de Lima, de Eugénio de Castro, de Florbela Espanca ou de Fernando Pessoa. Depois, de seguida, temos a parcela de textos que corresponde à intervenção libertária organizada que tentou organizadamente intervir na sociedade a partir da noção que aqui nos serve de critério.

Uma parte da biblioteca “Textos Livres” dá pois voz aos protagonistas dessa intervenção, tornando-se também um repositório da sua memória. Neste caso serviu-nos de fundo o Arquivo Histórico-Social, já referido, e que constitui o mais precioso acervo de escritos e de imagens que existe em Portugal sobre a história do movimento operário na primeira República e em simultâneo sobre as ideias libertárias que em larga parcela o inspiraram.

Esta biblioteca não é senão uma primeira aproximação daquilo que podemos no futuro realizar. Mais tarde, com vagar, em novas fases de trabalho, através de novos acrescentos, se poderá aproximar este primeiro núcleo, relativo aos séculos XIX e XX, do modelo intemporal e universal que atrás indicámos como termo ideal de trabalho.

Biblioteca de Textos Livres (endereço):

http://moscaservidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=26